

“Decisão era uma ofensa profissional gratuita”

Museus. Diretor do Museu de Arqueologia diz que SEC “fez justiça” ao anular uma decisão anterior de não o reconduzir no cargo

SOFIA FONSECA

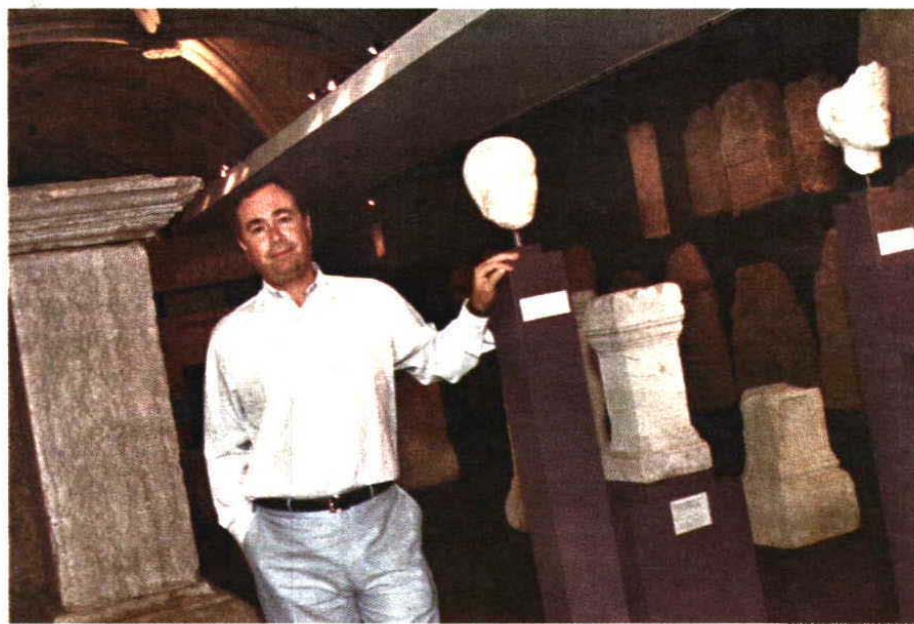
“O essencial é que a situação que nos penalizava e que eu considerava um agravamento profissional e pessoal foi totalmente reparada.” É assim que Luís Raposo, diretor do Museu Nacional de Arqueologia, resume ao DN o despacho da Secretaria de Estado da Cultura que anula a decisão de não o reconduzir no cargo, datada de fevereiro e assinada pelo então diretor do Instituto dos Museus e da Conservação, João Brigola.

João Brigola, que entretanto já foi substituído interinamente por Elísio Summavielle, entendeu nessa altura não reconduzir cinco diretores de museus. Três deles – Luís Raposo, Agostinho Ribeiro (Museu de Lamego) e Matilde Tomaz Couto (Museu das Caldas da Rainha) – recorreram da decisão.

“A decisão era uma ofensa pro-

fissional gratuita”, justifica o diretor do Museu de Arqueologia, que entendia que o anterior diretor do Instituto dos Museus e da Conservação não cumprira a lei. Tudo porque a decisão de não recondução tinha sido tomada fora do prazo, não tinha ocorrido uma audiência prévia e não houve uma avaliação do trabalho desempenhado. Fundamentos que constaram do seu recurso – analisado numa auditoria jurídica da responsabilidade da Procuradoria-Geral da República.

Por isso, Luís Raposo aplaude o facto de a decisão lhe ter sido “favorável em toda a amplitude e sem reservas”. “Saúdo vivamente esta decisão. Revela alguma coragem, uma vez que vem desfazer um ato administrativo de um subordinado”, diz Luís Raposo, acrescentando que se trata de um “sinal de respeito da SEC pelos museus e pelos diretores de museu, que são luga-



Luís Raposo está no Museu Nacional de Arqueologia há 16 anos

PARA CORDOARIA

Divergências por causa de transferência

↳ Luís Raposo teve várias divergências com João Brigola, diretor do Instituto dos Museus e da Conservação durante dois anos e meio. Uma delas teve a ver com a transferência do Museu de Arqueologia para a Cordoaria Nacional, questão que surgiu ainda no Governo PS, quando Elísio Summavielle (atualmente a dirigir o Instituto interinamente) era secretário de Estado da

Cultura. Apesar disso, Luís Raposo não prevê dificuldades ao assumir de novo a gestão normal do museu. “Essa questão está ultrapassada”, diz. “Nunca tive nenhum contencioso com o atual governo”, garante. Luís Raposo é diretor do Museu de Arqueologia há 16 anos: inicialmente por convite de Manuel Maria Carrilho, depois por renovação e duas vezes por concurso.

res de competência técnica e acima de posições partidárias”.

Já na terça-feira, Agostinho Ribeiro, do Museu de Lamego, disse ter sido reposta “a verdade, a legalidade e a justiça”. “Estou muito satisfeito, porque depois de tantos anos de experiência profissional, com resultados que não são de desprezar, não podia sair por causa de um ato de abuso de poder”, disse à Lusa. Já João Brigola disse ao *Público* que, “se fosse hoje, tomaria a mesma decisão”.

Por decidir ainda está o recurso de Matilde Tomaz do Couto, do Museu José Malhoa, nas Caldas da Rainha.